

O diálogo em sala de aula: um fator de inclusão social

Myrta Leite Simões¹

(1) CEFET-PB - João Pessoa, Avenida Capitão João Freire, 741 apto. 104 - Residencial Monte Castelo - Expedicionários - CEP: 58041-060, João Pessoa - PB, telefone: (83)3243-9018, e-mail: myrtasimoes@ig.com.br

Mara Leite Simões

(2) UFPB, Centro de Educação – Cidade Universitária, João Pessoa, e-mail: marasimoes@oi.com.br

Jackelinne M^a de A. Aragão

CEFET-PB - João Pessoa, e-mail: jackelinnearagao@yahoo.com.br

Ivana Alencar Peixoto L. da Franca

CEFET-PB – João Pessoa, e-mail: ivanaplff@uol.com.br

Resumo: *A prática educativa acontece quando é permeada por uma ação dialógica, por um processo de interação educador-educando, por metodologias participativas. O processo de ensino-aprendizagem deve ser visto, assim, pelo viés da horizontalidade, pela via de mão dupla, onde ora se ensina e ora se aprende. O objetivo deste artigo é discutir a categoria “diálogo”, buscando uma correlação com a prática pedagógica, tanto na Educação Básica como no Ensino Superior. Os construtos teóricos respaldam-se nos autores: Paulo Freire (1983, 1987, 1996), Melo Neto (2004, 2006) e Scocuglia (2001, 2006). A partir da revisão bibliográfica apresentada, resgatamos o conceito “diálogo”, na visão desses autores. Na primeira parte do trabalho, definimos a etimologia do conceito “diálogo”. Na segunda parte, ressaltamos o conceito no olhar dos autores analisados. Na terceira parte, apresentamos nossas considerações, enfatizando a importância do diálogo na afirmação do sujeito comunicativo, e o meio de formação perfeito para a inclusão do homem no meio social. Finalizando, destacamos que toda prática educativa, quando baseada na ação transformadora do diálogo, constitui-se como a verdadeira forma de respeitar o educando. Os resultados apontam para a necessidade de que, juntos, discentes e docentes construam novos conhecimentos e promovam a inclusão social.*

Palavras chave: *Diálogo. Prática educativa. Relação professor-aluno.*

Abstract: *Educational practice occurs when it is permeated by a dialogic action, by an educator-student interaction process, by participative methodologies. The learning-teaching process should be seen, thus, from a horizontal perspective, as a two-way highway, in which one teaches and learns alternatively. The aim of this article is to discuss the “dialogue” category, searching for a correlation with pedagogical practice in both Primary/Secondary and Higher Education. The theoretical assumptions are based on Paulo Freire (1983, 1987, 1996), Melo Neto (2004, 2006) and Scocuglia (2001, 2006). Working with the bibliographical survey presented, we examine the “dialogue” concept in the vision of these authors. In the first part of this work, we define the etymology of the “dialogue” concept. In the second part, we emphasize this concept from the point of view of the authors analyzed. In the third part, we present our conclusions emphasizing the importance of dialogue in the assertion of the communicative individual, and the perfect formation means for the inclusion of the man/woman in his or her social environment. Finally, we highlight that every educational practice, when based on the transforming action of dialogue, becomes the real way to respect the student. The results show that it is necessary for students and teachers to construct new knowledge as well as to promote social inclusion.*

Key-words: *Dialogue. Educational practice. Student-teacher relationship.*

1. Introduzindo idéias

O principal objetivo deste artigo é discutir a categoria “diálogo” com uma correlação com a prática pedagógica, em especial, com a dos professores das Instituições de Ensino Superior. Para a compreensão e análise dessa categoria, a teoria foi concebida tendo por base algumas obras de Freire (1996). No que se relaciona à temática da Educação Popular, nos apoiamos em Neto (2004, 2006) e em Scocuglia (2001, 2006). Dando início a algumas considerações introdutórias, ressaltamos que o homem é um ser social e suas relações são estabelecidas na interação com o outro. Somando-se a isso ele também é histórico e, como tal, desenvolve recursos de comunicação que o diferenciam dos demais seres à sua volta. A necessidade de viver em grupo fez, assim, com que o homem criasse símbolos que possibilitassem a organização do seu *habitat* e, dessa forma, fortalecessem seu vínculo com o seu ambiente. Os códigos criados por ele subsidiaram *a priori* a comunicabilidade de origem mímica e gestual, que evoluiu para as expressões elocutivas. Dentro desse contexto, e de posse da linguagem, o homem é, agora, um ser de transformação, não apenas rudimentar da força bruta, mas agente ativo do meio recém-civilizado.

Situado no processo evolutivo da comunicação, o homem conquista sua autonomia e organiza-se em subgrupos. Já com os modelos da linguagem escrita e verbalizada, o homem é cada vez mais integrado e estabelece hierarquias nas classes sociais segundo os modos de vivência de cada um. Sendo assim, tornou-se indispensável o valor da comunicabilidade entre os grupos sociais formados.

Sob este olhar, o processo da comunicação é formado a partir de elementos interligados que são denominados de emissor, código, canal e receptor. Sem esses elementos não se concebe o ato processual da fala e/ou escrita entre os sujeitos. O objeto emitido é codificado, compreendido e aceito pelo receptor quando não há obstrução no canal de emissão, o outro sujeito capta a mensagem retornando em outra intensidade aquilo que circunstancialmente é de relevância.

Para Freire (1987, p.79-80) “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a *pronúncia* do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo”. Neste olhar, dialogar não é uma ação de força ativa do convencimento cego no outro; dialogar se constitui, em sua natureza, no ouvir de um ao falar com o outro e no falar ouvindo agora o que antes teve a oportunidade de falar. É, pois, a partir dessa relação de amor que se concebe o diálogo.

Na compreensão de Neto (2004, p.103) a ação dialógica se encontra:

(...) do ponto de vista hermenêutico, a partir dessa forma literária do diálogo, há uma necessidade de conexão do escrito com o oral. No oral, está presente o contexto e este contém o outro em condição de ouvir, passando a existir

uma relação intersubjetiva, estabelecendo uma ética do ouvir. Expressa-se dessa maneira, uma unidade na obra platônica ao tematizar o diálogo, que é concreto e um processo intersubjetivo.

Nesta perspectiva, não é simplesmente a codificação da pronúncia, ou muito menos a decodificação do escrito, mas a inteligibilidade do objeto comunicado seja na ação do verbalizar ou na ação do escrever que caracteriza o diálogo.

Define-se, então, como diálogo a ação de falar alternadamente entre duas ou mais pessoas; a troca ou discussão de idéias, opiniões, etc. O conceito etimológico da palavra geradora “diálogo” denuncia a equânime posição entre os sujeitos envolvidos na ação do dialogar. O ato de falar e o de escutar são aprendidos e como enfatiza Freire (1996a, p.127-128) que

(...) o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precisa de falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente.

Trazendo essas reflexões para a perspectiva da sala de aula, sabemos que, no momento de sua prática, o docente, conscientemente, sabe que fala com o aprendiz, participante e sujeito ativo da comunicação, considerando suas verdades prévias na intenção de desenvolver, de maneira completa, um discurso em formação.

Observamos, claramente, a ética do ouvir como parte do entender o outro, de forma coerente e crítica. Retomando algumas idéias de Freire (1996a, p.127), e enfatizando que “ensinar exige saber escutar”, postulamos que o docente deve fundamentar-se neste pensamento uma vez que ele é um dos atores e um dos autores do processo de ensino e aprendizagem. Assim, ratifica-se na sua prática e conscientiza-se de que, a despeito da área específica de atuação, urge a necessidade do diálogo no falar com, e entende-se que ouvir precede, na ordem natural do falar o respeitar e considerar o outro.

A ação do diálogo é movida pelo interesse de convencer, informar, formar e também transformar. Ao provocar o ouvinte, o agente, na pronúncia da ação dialógica, tem como objetivo mover algo que não necessariamente seja de comum interesse. Sendo assim, acreditamos que uma sociedade livre é aquela que tem, na educação, a força ativa de transformação social, promovendo a busca da igualdade. É por via dessa igualdade, seu principal objetivo, que a sociedade se caracteriza em esclarecer, conscientizar a todos que compõem uma cidadania. Tudo isso pelo viés da

ação dialógica.

Como defender idéias democráticas, idéias libertadoras se não sabemos ser democratas, libertos e amorosos? Freire (1987, p.82) postula que

(...) falar, por exemplo, em democracia e silenciar o povo é uma farsa. Falar em humanismo e negar os homens é uma mentira.

Não existe, tampouco, diálogo sem esperança. A esperança está na própria essência da imperfeição dos homens, levando-os a uma eterna busca. Uma tal busca, como já vimos, não se faz no isolamento, mas na comunicação entre os homens – o que é impraticável numa situação de agressão.

Se, como educador, também não me conscientizo de que a democracia ainda se encontra impúbere no país de alguns milhares de semi-analfabetos, não terei força de me mover a favor de uma realidade menos opressora, e muito menos mover alguém no falar com ele, se meu diálogo deixar de ter objetivos práticos do bem comum.

Como educador, na minha prática, não devo separar o conteúdo da formação humana dos educandos. Jamais deverei ser pessimista. Terei que acreditar que na ação dialógica posso informar, formar e transformar ao pronunciar o conteúdo programático. Sendo assim, sou um ser pensante e reflexivo, e não um suporte fatalista da existência, acomodado num sistema de satisfação da minoria elitista. Meu pronunciar denuncia a forma decisiva e ideológica do hoje bom para um amanhã muito melhor, e movido por isso é que me reafirmo como parte integrada da sociedade não conformada com a realidade em que meus discentes estão mergulhados.

Ser comunicativo é importante, mas não basta se a comunicação se estabelece como propósito egoísta, fruto do capitalismo e da ideologia consumista. Quem educa não deve negociar a palavra do imediatismo e convencer a comprar. Quem educa convida o ouvinte a ser crítico no escolher e a transformar o critério do convencimento em proposta de análise de poder, dever e precisar comprar racionalmente.

Muitas conquistas foram alcançadas, todavia espera-se que educador e educando, inseridos no ambiente formador, garantam, por direito inato, a oportunidade da democracia através do diálogo, instrumento usado pelo professor no desvelar ao aluno um mundo cheio de desafios.

O diálogo é a oportunidade da análise do outro e, na ação dialógica, a auto-análise pelo outro, considerando o compromisso em ser ativo socialmente. O diálogo é indispensável na afirmação do sujeito comunicativo, é também o meio de formação perfeito para a inclusão do homem no espaço social. É imprescindível dialogar para mudar, formar e transformar na dialética da troca de experiências dos sujeitos do falar com, no mundo que se move dinamicamente a cada instante no tempo e no espaço da educação popular e superior.

2. Dialogando com a educação

No entanto, se falar é uma ação que precede a experiência de pronunciar o mundo, então acreditamos que o empírico (senso comum) precede o científico (epistemológico). A partir desta afirmativa, entendemos que, na dialética da comunicação, se sou um ser falante e agente de transformação no meio, também sou transformado, porque a parte destinada de minha ação é o outro, e sua experiência, seja ela empírica ou epistemológica, similarmente me transforma, desvelando o novo de que antes não tomara conhecimento.

Compreende-se que o diálogo impulsiona um tema gerador da formação docente, e dessa forma o educador do Ensino Superior depende do outro que é parte integrante na ação dialógica. Outrossim, se falar é uma ação, esta se estende a alguém e jamais ao inanimado. Então se sabe que o outro não se constitui objeto no falar com ele, mas sujeito merecedor de falar e ser ouvido e ouvir no ensejo de ficar calado. Sabe-se também, que esta ação gera efeitos convenientes na prática do docente, enquanto educador. Como formador de opinião, o docente deve aos discentes o respeito de ouvi-los na íntegra, com o objetivo de manter uma relação de apreço com eles.

Etimologicamente temos: “aluno” ‘a’ (sem); ‘luno’ (luz). Então, através das experiências formalizadas do educador, devemos trazer a compreensão daquilo que é obscuro e mostrar o óbvio sem esconder a verdade dos fatos diante dos questionamentos e das situações apresentadas durante o processo de aprendizagem. Se, por acaso, como educador, não tenho uma atitude desta, não sou digno de reafirmar-me como tal, uma vez que o papel do educador é trazer a luz para aquele que esteve encoberto pela escuridão da ignorância.

Não é desprovido da luz de casa que o futuro torna-se incerto para alguns. É simplesmente tirando o direito de ser democrático de quem vive sem luz: o oprimido. Porque atuar em sociedade é parte indissociável do homem. Neste prisma, a luz é representada aqui pela educação. Precisamos acender a luz da humanidade para que se possa viver em uma sociedade democrática e socialmente respeitada através da ação dialógica. Educador e educando juntos são peças da engrenagem que movimentam o mundo, a alavanca de sustentação do hoje e a possibilidade da mudança no amanhã.

O processo de formação dos indivíduos, quer seja na Educação Básica, quer seja no Ensino Superior se constitui em momentos dialógicos. Negar a pronúncia do outro neste processo é verticalizar o falar, tornando favorável a disseminação da ideologia dominante. Camuflar a verdade em pronunciar contos otimistas, se ao outro não lhe for permitida resposta aos questionamentos, é também outra infração na consciência educativa.

Relembrando a experiência de discente em curso superior, observamos que a verticalização de alguns mestres na comunicação era constante, com idéias tradicionais e desprovidas de ação que mobilizasse uma busca

da mudança. Outros, de fato, permitiam os debates e muitas questões eram esclarecidas, pois o diálogo fluía naturalmente e tinha-se direito a respostas, todavia longe estavam em suas oratórias as ideologias de emancipação defendidas pelos teóricos progressistas e defensores de uma sociedade menos injustiçada.

O homem é um ser possibilitado e em companhia atua na construção do educativo-social. Embora haja alguns modelos práticos de educação popular que se estende para a educação superior (epistemológica), não há paradigma fixo determinado, porque sua formação é dinâmica e o sujeito é concomitante-mente objeto de reflexão. Sendo assim, o homem é sujeito e tema de estudo no meio em que vive e se encontra em permanente transformação.

O ambiente educacional de ordem dialógica é que proporciona ao engenheiro, médico, psicólogo e outros a formação humano-profissional, e neste olhar, o papel do educador se constitui em fazer o profissional desvelar seu objeto de atuação. É no ambiente familiar que o educando começa a internalizar alguns valores, contribuindo *a priori* para sua formação humana, e quando se lança ao mundo, sua subsistência é garantida a partir das competências e habilidades que foram apreendidas em sua formação.

Segundo Neto (2004, p.29) “o ato de educar não é um mero repasse de conhecimento e, sim, um exercício para tornar os outros, também, entes reflexivos – uma educação, necessariamente, popular”. Desse modo, compreendemos que educar dialogicamente é possibilitar ao educando momentos de reflexão e é na ação de refletir que ambos, protagonistas situados neste processo, garantem, na busca do conhecer, o seu espaço como ser pensante e transformador no meio em que vive. É paradoxal a ação docente quando afirma que promove na sua prática uma educação voltada para o outro. Na realidade, esta ação enfoca a tradicional maneira de depositar o conhecimento e não estabelece uma ética pedagógica de ouvir, falar e ser ouvido. Esta forma de agir e de pensar a educação como depositária é bastante criticada, pois neste caso

(...) educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros (FREIRE, 1987, p.58).

O depositar já age no outro como uma ação apassivadora do não discordar, haja vista que a “verdade” está no poder do depositante, e o gerenciar da ação formadora jamais terá caráter de problematizar, porque simplesmente, este, inexoravelmente, atua condicionando. Esta prática banaliza o que a introspecção proporciona a alguns educandos que partem para a busca do saber, mas não conseguem basear sua leitura de mundo nas competências de poder e saber refletir.

Como enunciamos, o diálogo é o meio de entendimento de um com o outro e a forma vinculada da comunicação entre

as massas. O pronunciar através do diálogo é a maneira mais conveniente e prática de afirmar algo e ser correspondido na mesma altura de suas necessidades esperadas. Dialogar no contexto acadêmico constitui-se também em pronunciar no meio democrático a igualdade e a liberdade. É nesse espaço que, juntos, discentes e docentes constroem novos conhecimentos.

Segundo Freire (1996a, p.65-66) o processo de

(...)ensinar exige respeito a autonomia do ser do educando. Outro saber necessário à prática educativa e que se funda na mesma raiz que acabo de discutir – a da inconclusão do ser que se sabe inconcluso -, é o que fala do respeito devido à autonomia do ser do educando. Do educando criança, jovem ou adulto. Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualdade o que devo ter por mim mesmo.

Sendo assim, é dialogando que a liberdade, a igualdade e a cidadania se estabelecem, pois sem elas a política e a democracia não suscitam uma sociedade menos injustiçada. Freire (1996) nos apresenta ainda que é preciso respeito à autonomia do educando e, este como ser ético, merece ao menos ser ouvido, mesmo se as questões elencadas não forem por ele enunciadas. Seja qual for o ambiente educacional escolar ou acadêmico, o educador deve em sua prática desenvolver a reflexão crítica no educando.

Na formação educacional, se não se estabelecer uma política pedagógica do diálogo, a ação do fazer pedagógico se caracterizará apenas em um universo impermeável só contendo idéias teóricas, banidas da liberdade, da igualdade e do progresso social. Respeitar é também promover a paz através do diálogo, considerando escutar o que o outro tem a revelar com a sua leitura de vida.

A ideologia da comunicação dialógica fundamenta no processo educacional aquilo que uma formação autoritária não apresenta. Esta formação de lidar com o outro em transformação constante, só é real se a democracia existir na sua essência. Ideologicamente ser educador é ser agente de transformação do meio e no meio defendendo a proposta do pensar certo. Pensar certo não se instala, aqui neste discurso, numa dependência relativista de alguns alvissareiros das pronúncias verticais de apologia capitalista. Pensar certo é pensar com e não pensar para, fazendo-se assim jamais covarde em esconder a verdade do incauto e oprimido.

3. Dialogando com o meio acadêmico: algumas considerações finais

Segundo Freire (1996) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Nesta compreensão, não deve ser verdade que os poucos favorecidos devem se limitar apenas a mencionar o mundo por sua leitura inata, mas, ao contrário, pronunciar também o belo da liberdade ao ler a palavra e se inserir melhor socialmente. O homem, como dissemos, é social e, assim, é passível a mudanças. No

entanto, ele, como autor de transformação do e no mundo, se legitima no direito que atua pela leitura da palavra.

Saber na agricultura como manejar o solo e prepará-lo à plantação é importante, porém não é suficiente, quando privamos este agricultor de outros conhecimentos e de novas tecnologias. Entender os fenômenos naturais, o homem já os entende no discernir das experiências por ele observadas. Saber se vai chover ou se o clima favorece à plantação em determinada época é fácil, e não deve ser o limite de satisfação humana, se ele é capaz de doar mais de si. Não se deve negar o conhecimento e, para se crescer profissionalmente, é necessário ir além do conhecimento empírico. Negar a palavra é não possibilitar ao semelhante a mesma condição de ser social que todos têm por direito. Quando o momento acadêmico promove aos participantes oportunidades de revelar o que pela palavra foi lido, eles se situam no tempo e no espaço do pensar corretamente. Prolongar-se na história é, para todos, de suma importância e culturalmente certo. Não se faz juízo de valor ao afirmar essas questões existenciais entre o empírico e científico, ao lermos o mundo ou a palavra. Entretanto, na pedagogia da vida educativa não se faz distinção a esse respeito e esses fatores são imprescindíveis. Na práxis, o uso do discernimento para tentar entender o educando é fundamental.

Neste momento, estou falando como educador que procura ser ator e autor do processo junto com meus educandos. O ser popular, cultural e trabalhador que sou depende das minhas experiências com os outros profissionais, não importa quais sejam estes profissionais – do agricultor ao cientista.

Por esses motivos, a relação do docente com seus discentes deve ser ampliada a fim de proporcionar a acessibilidade ao conhecimento científico pelo diálogo. Essa relação de diálogo deve também diminuir a distância entre mestre e aluno bem como se ausentar das intransigências que inibem e bloqueiam o educando ao procurar a maneira de pensar certo. O professor que atua como mediador e agente de transformação não se porta paradoxalmente como depositante do conhecimento, mas provoca o aluno e problematiza o objeto do ensino.

É imprescindível que o educador esteja consciente

(...) do antagonismo entre as duas concepções, uma, a “bancária”, que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira, necessariamente, mantém a contradição educador-educandos, a segunda realiza a superação.

Para manter a contradição, a concepção “bancária” nega a dialogicidade como essência da educação e se faz antidialógica; para realizar a superação, a educação problematizadora – situação gnosiológica – afirma a dialogicidade e se faz dialógica. (FREIRE, 1987, p.68).

Atuar e nunca bloquear. Libertar, mas jamais inibir. São tarefas do professor. Ele não tem a mera função de proferir

e nem tampouco transferir o objeto de sua prática. Ensinar é marcar vidas e nortear através da comunicação o que sem luz um dia esteve e agora não está, porque a troca das experiências no processo educativo ergue o aprendiz e o faz disseminador, transformador social e formador da vida própria e alheia no processo da educação.

A sala de aula é o local onde desafios constantes se iniciam, e também a alavanca do adentrar no mundo civilizado como profissional do mercado de trabalho. É verdade que não são todos os inseridos neste campo promissor, e a alguns marginalizados talvez nunca lhes sejam oferecidas oportunidades na vida, e muitos se encontram vitimados pelo sistema opressor do capitalismo. A despeito disso, o país é forte em vários pontos de pesquisa, tem universidades que atendem a demanda social, que englobam novas tecnologias, mas não há programas sociais voltados à qualificação profissional da massa, e política pública de inserção dos excluídos com atividades que os dignifique.

As Instituições de Ensino Superior ainda precisam divulgar, expandir seus conhecimentos, suas pesquisas. O famoso tripé das universidades – o ensino, a pesquisa e a extensão – necessita de um movimento com o objetivo de fazer circular as experiências de cada um destes eixos. Os mestres, em bom número, são confinados nas salas de aula ou nos seus gabinetes com suas pesquisas. São muitos obstáculos que impedem à formação dos acadêmicos nas grandes universidades, porém não perde o mestre seu valor, e sabe-se que ele é fundamental na sociedade.

O docente em seu trabalho é protagonista da educação. No entanto se qualquer pessoa transcrever algo e não estiver vinculado à realidade, este poder de transformar o transcrito no escrever real é dado ao professor. E durante sua vida esteve estampado seu compromisso e o respeito veraz com a educação.

O diálogo em casa, na praça, na escola ou na universidade é presenciado por todos e se faz importante para aqueles que se utilizam dele como forma de conscientizar os outros dos seus deveres e direitos. Não obstante, a característica do diálogo ser comum em todo lugar, a sua ação é diferente e depende dos objetivos de quem promove esse elemento importante.

O professor do Ensino Superior, com sua missão intermediadora, precisa organizar não apenas suas idéias filosóficas, mas ensiná-las e estar aberto a questionamentos, sugestões ou críticas que possam surgir no processo por ele iniciado. Nenhum educador, de forma alguma, chegará à suma provisão do conhecimento, pois segundo Freire (1996a), educador e educando são sujeitos inconclusos, e se encontram sempre em processo de formação. Educar é a ação inata de toda humanidade e herdada por todos e não se desliga jamais da ação dialógica, pois ambas complementam-se educativamente em qualquer circunstância da vida. Ainda, na visão de Freire (1987, p.68)

(...) o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando

que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem.

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos.

Toda prática educativa quando baseada na ação transformadora do diálogo se constitui como a verdadeira forma de respeitar o educando. Educadores, em qualquer área de atuação, se afirmam neste processo e transformam o ambiente rude em terra fértil onde se plantam sementes de paz, liberdade e igualdade social. Na educação do diálogo, as diferenças se desenvolvem no espaço da solidariedade e jamais se apóiam no espaço da opressão. O amor ao outro, mencionado por Freire e outros teóricos, é de fato o amor escrito, lido e falado na ação do respeito ao outro e do gosto comum de conviver com as diferenças.

Crescer é processo normal da natureza, e ser culturalmente informado não é privilégio de alguns, mas direito comum. Ser pensante é também não se privar de ler o mundo e expressá-lo pela leitura da palavra. O homem é um ser sócio-histórico e, como se sabe, ele evoluiu culturalmente através da necessidade de transformar o que se encontrava ao seu redor. A cultura remonta dos ancestrais, a história marca-se no tempo por registros criados pelos códigos e palavras, e a educação como estágio maior de civilização do ser pensante se prolonga e sem ela não existe transformação no homem e pelo homem civilizado.

A educação em que nos apoiamos como educador e educando é parte fundamental do ser humano, não devemos promovê-la como forma e meio dos interesses das elites, e, de forma alguma, ficarmos alheios ao fato de que todos são constituídos socialmente e que são participantes de um mundo menos injustiçado. Na perspectiva de compreender o processo educativo permeado pela ação dialógica, mais uma vez retomamos Freire (1987, p.82) com o objetivo de enfatizar que “finalmente, não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade”. Mas, compreendemos também que a prática educativa só acontece quando ela é permeada por uma ação dialógica, por um processo de interação educador-educando, por metodologias participativas. Enfim, o processo de ensino-aprendizagem deve ser visto pelo viés da horizontalidade, pela via da mão dupla, ora se ensina, ora se aprende.

4. Referências

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 32.ed. São Paulo: Cortez, 1996b (Coleção questões da nossa época; v. 13).

_____. **Educação e Mudança**. 7.ed. Rio de Janeiro:

Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa**. 13.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996a (Coleção Leitura).

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

NETO, J. F. M. **Educação Popular: enunciados teóricos**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2004. (Coleção Extensão Popular).

_____. **Extensão Popular**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2006 (Coleção Extensão Popular).

SCOCUGLIA, A. C. **Histórias inéditas da educação popular: do sistema Paulo Freire aos IPMs da ditadura**. 2.ed. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2001. Cortez: Instituto Paulo Freire.

_____. **A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. 5.ed. João Pessoa: Ed. Universitária / UFPB, 2006.

Responsabilidade de autoria

As informações contidas neste artigo são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões nele emitidas não representam, necessariamente, pontos de vista da Instituição e/ou do Conselho Editorial.